

## **HISTÓRIAS E MEMÓRIAS INVISÍVEIS: EXPERIÊNCIAS DE SUBURBANOS COM PERIODISMO NO RIO DE JANEIRO, 1880- 1940**

LEANDRO CLIMACO ALMEIDA DE MELO MENDONÇA\*

### **Introdução**

O 31 de julho de 1911 não foi um dia comum para os jornalistas envolvidos na redação do semanal *Echo Suburbano*. Nessa data, a pequena folha de Madureira, na zona suburbana de Irajá, foi para as ruas e para as casas dos assinantes anunciando o nome do novo diretor do jornal: Pinto Machado. Aos 32 anos, o ex-operário tecelão, gráfico e jornalista Antônio Augusto Pinto Machado já havia acumulado uma vasta experiência no movimento operário da cidade do Rio de Janeiro, sendo sua passagem como presidente da *União Operária do Engenho de Dentro*, entre 1903 e 1909, a mais destacada e significativa de sua trajetória. A sua experiência como presidente de uma organização operária em uma localidade suburbana, ao lado da vivência como morador dos subúrbios, provocou um impacto profundo na sua compreensão da realidade.

Na edição que inaugurou seu trabalho como diretor do jornal *Echo Suburbano* foi publicado um artigo com sua assinatura. Intitulado “Novo Rumo”, o texto explicita o papel que, para ele, um jornal publicado nos subúrbios deveria assumir:

(...)

*Jornal que se publica nos subúrbios, que cogita do bem estar dos suburbanos, tivemos uma vez convidados, a obrigação de aceder. Cá estamos pois na estacada.*

---

\* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense e professor de História do Colégio Pedro II. Este artigo é parte das reflexões presentes na pesquisa “Histórias e Memórias invisíveis: experiências de suburbanos com periodismo no Rio de Janeiro, 1880-1940”.

*A nossa passagem por este posto, será uma missão de combate. Não temos outro intuito senão dizer a verdade, senão dizer as cousas como ellas são, sem obediencias passivas, sem que nos obrigue a calar. A verdade antes de tudo.*

*N'uma época em que tudo parece atacado da mania de "muito elevar" ou muito "criticar", o nosso modo de ver mudará por completo, por que não nos sujeitaremos a essas normas de achar tudo bom, onde estiver o mal; ou, de achar udomão, onde houver a parte boa e sã.*

*A estagnação não vae bem coma nossa vontade. Nascemos para a lucta, é em combates que nos sentimos á vontade, que nos creamos como que alma nova, vontade cada vez mais de luctar e vencer.*

(...)

*Não somos desconhecidos na defeza da zona suburbana, e d'aqui em diante, novamente garantimos fazer o que até hoje temos feito – "tudo pelos suburbios"! (Echo Suburbano, Madureira, 31 de julho de 1911, p.1; grifo nosso)*

A popularidade de seu nome nos subúrbios, que tão orgulhosamente o jornalista explicitou no artigo, se devia à sua atuação como redator da seção "Suburbios" do jornal diário *A Tribuna*. Fundado como *Tribuna Liberal* em 1889, ainda no Império, este jornal se destacaria como um ferrenho crítico ao então recente regime republicano. Acochado por pressões do governo de Deodoro da Fonseca, o diário chegou a fechar em dezembro de 1889, retomando sua trajetória em 1890 com novo título, *A Tribuna*. O periódico, em 1891, criou uma seção voltada para a publicação de notícias sobre os subúrbios. Chamada de "Fóra de portas - Revista dos Suburbios" fora marcada por uma cobertura da vida religiosa e social de setores da sociedade suburbana. Entre 1907 e 1908, Pinto Machado assumiu essa seção, agora intitulada *Suburbios*, tornando-a um dos espaços mais amplos concedidos por um jornal diário à cobertura da vida suburbana.

Sob sua responsabilidade, a seção se destacou pela cobertura dos vários subúrbios da capital. Além de publicar artigos que abordavam temas palpitantes que afetavam o cotidiano da população daqueles espaços e da cidade como um todo, a seção, publicada geralmente nas páginas 2 ou 3, publicava cartas de leitores enviadas para o jornal ou entregues pessoalmente na agência geral de *A Tribuna* nos subúrbios, na rua Goyaz, no Engenho de Dentro.

Em 1911, a seção *Suburbios* alcançaria maior projeção por causa do lançamento de uma campanha idealizada por Pinto Machado: a criação de um *Congresso Suburbano*. Os congressistas seriam escolhidos pelos leitores, transformados em eleitores pelo jornal. Ao longo de vários meses, os leitores preencheram, diariamente, os *coupons* publicados na seção com os nomes daqueles que gostariam que representassem seus bairros no Congresso. Essa iniciativa é elucidativa quanto ao papel que Pinto Machado defendia para a prática jornalística. Conforme destacado no seu artigo de estreia no *Echo Suburbano*, cabia à imprensa uma missão de combate. Mas quais eram os combates do operário socialista, transformado em jornalista?

Em 1918, exercendo o papel de colaborador da *Revista Suburbana*, responsável por assinar artigos na seção *Pelo Operariado*, Pinto Machado evidenciou quais eram as suas preocupações.

#### *PELO OPERARIADO*

***Justifica-se plenamente que a Revista Suburbana cogita com interesse do bem estar da classe trabalhadora.***

***Todos sabem que é na zona suburbana que vivem em sua maioria os operários das várias indústrias particulares e do Estado.***

***Por isso mesmo é que a direcção da nova revista, composta de homens conhecedores das necessidades dos que produzem, determinaram desde logo, que esta secção surgisse, confiando-a a quem (póde ter pouco mérito jornalístico) conhece bem as necessidades do proletariado no Brasil.***

*A questão operária, já velha e sempre nova no Brasil, que no pensar de muitos legisladores não existe, nem tem razões, para existir; a questão operária, isto é, o combate por melhores dias para grande número de membros da turba muita dos sem nome, persiste e persistirá.*

*Agora, especialmente, o operariado se bate contra o maior dos males. A questão econômica do lar, a vida caríssima, a luta pela subsistência; estão a exigir providencias energéticas, capazes de resolverem o magno problema que diz com a alimentação de milhares de pessoas que sentem fome, que aguardam justiça, que esperam providencias (...) (Revista Suburbana, Engenho Novo, 15 de setembro de 1918, p.13; grifo nosso)*

É evidente sua reflexão sobre a crescente pauperização sofrida pelos trabalhadores como consequência da carestia que, há anos, assolava a cidade e o país. A chamada questão operária, nome dado às diversas lutas dos trabalhadores pela conquista de direitos, também o moviam. Ao longo das últimas décadas do século XIX e início do XX, ocorria o fortalecimento das associações dos trabalhadores, cada vez mais conscientes da necessidade do estabelecimento da ajuda mútua, do aperfeiçoamento da formação de suas bases, bem como da criação das estratégias de luta para a ampliação de direitos. Chamamos atenção, então, para a relação que o jornalista estabeleceu entre

os subúrbios e os problemas enfrentados pela classe trabalhadora da cidade. Ao enaltecer a iniciativa de criação de uma revista devotada àqueles espaços marginais, o autor afirma que é ali onde vive grande parte dos operários da cidade. Ao caracterizar o sofrimento enfrentado pelo proletariado, o autor se refere à fome que castigava as famílias pobres, à busca por justiça e à espera por providências.

O artigo do jornalista na semanal *Revista Suburbana*, dirigida por um colega de militância, seu ex-companheiro na direção da *União Operária do Engenho de Dentro*, José Roberto Vieira de Mello, deixava claro que os subúrbios eram espaços que abrigavam os trabalhadores. Local de pobreza, mas também espaço de organização da luta. Não por acaso, sua trajetória nas organizações criadas por categorias de trabalhadores e sua atuação como jornalista demonstram a confluência das lutas por uma vida mais digna para o proletariado: uma que envolvia a conquista de direitos trabalhistas e maior autonomia da classe; e outra, a luta pelos chamados “melhoramentos suburbanos”, que nada mais é do que a luta pelo direito à cidade para aqueles que viviam nas margens da então Capital Federal.

Sua atuação como jornalista em diversos periódicos do Rio de Janeiro no princípio do século XX foi certamente um percurso idêntico ao de dezenas de outros militantes socialistas e anarquistas do período. No entanto, o que chamou atenção foi a sua participação em diferentes funções e momentos em periódicos criados e produzidos nos subúrbios, fontes ainda pouco estudadas por nossa historiografia.

A trajetória de Pinto Machado e de outros jornalistas autointitulados suburbanos ocorreu em um conjunto heterogêneo de jornais, revistas e almanaques que envolveram frações importantes dos habitantes dos subúrbios cariocas no período entre 1880 e 1940. Transformados em jornalistas, esses suburbanos produziram periódicos a partir de interesses distintos, tornando evidente que a prática jornalística era um espaço de disputas para a visibilidade de consensos e conflitos em torno das várias dimensões da vida na urbe carioca. O *Echo Suburbano* e a *Revista Suburbana*, que contaram com a participação de Pinto Machado na sua elaboração, são apenas alguns exemplos dessa imprensa. Como veremos neste artigo, a pesquisa com esses periódicos e seus jornalistas permite conhecer histórias que, em grande parte, chocam-se com uma memória de longa duração que insiste em associar os subúrbios e os suburbanos cariocas a todo tipo de precariedade, especialmente a intelectual, atribuindo a estes um

papel passivo frente às impactantes transformações sócio-espaciais pelas quais passava a então Capital Federal na virada do século XIX para o XX.

### **A imprensa nos Subúrbios**

A primeira experiência jornalística de Pinto Machado ocorreu no âmbito da *União Operária do Engenho de Dentro* em 1904. Naquele ano, o jovem presidente da organização coletiva fundada em 1899 nos arredores das Oficinas da Estrada de Ferro Central do Brasil, instalada nas margens da linha férrea, lançou um jornal em edição única, o *União Operária: órgão da União Operária do Engenho de Dentro*. Contando pouco mais de dez meses à frente da organização, Pinto Machado publicou o jornal exatamente no dia 1º de Maio em meio aos festejos do Dia do Trabalhador, tornando-se mais um adepto ao uso da palavra impressa como meio de combate.

#### *QUERER É PODER*

*Nada temos feito, e temos feito muito: Servir uma causa justa, despretenciosamente, sem outro intuito que não seja elevar uma classe até hoje explorada e aviltada – pouco mais se pode exigir d'um operario que jamais aspirou ser presidente d'um nucleo de obreiros forte e valoroso pelo seu principio, como actualmente o é a “União Operaria de Engenho de Dentro”.*

*Vimos do nada e nada somos. Mas por vimos do nada conhecemos bem as necessidades dos nossos companheiros e da nossa classe.*

***Batalhamos á tempos em pról da união dos desprotegidos, e desprotegido também, sabemos de sobra o que é a fome o que é a miseria, não somos degenerado: não, combatemos lealmente, armas á vista, combate sincero.***

***Não exigimos nada que não seja justiça, justiça para nossa cauza, justiça para o nosso estomago, justiça para nosso organismo depauperado, pelo excesso do trabalho, pelas muitas necessidades que existem na nossa mansarda onde não há luz, onde falta***

***pão, onde falta conforto e onde na maioria temos as esposas, os filhos e nós propios com propensões extraordinarios para tuberculose.***

*Nada temos feito, e temos feito muito. Nada temos feito, porque há muito a fazer em pról da nossa classe necessitamos não esmorecer na lucta, depende da força de vontade de cada um, da união de todos e da colaboração dos senhores que legislam.*

*Convem que os companheiros não esmoreçam pelo simples facto de ás vezes não lhe ser concedido o que aspiram, não, cada vez nos devemos avigorar mais para a lucta que há de ser renhida, titanica mesmo, mas que a venceremos de qualquer forma, custe o que custar. Depende dos operarios, é só terem coragem e perseverança (...)*

(A *União Operaria*, Engenho de Dentro, 1 de Maio de 1904, p.1; grifo nosso)

A crescente mobilização da classe trabalhadora, verificada a partir de meados da segunda metade do século XIX, resultou, inicialmente, na criação de associações de tipo mutuais ou de socorro mútuo, inspiradas nos exemplos de suas congêneres internacionais. Diversas categorias profissionais criaram associações com vistas a socorrer os sócios e seus familiares que se encontrassem em situações de fragilidade: auxílio nos enterros, doenças, invalidez, prisão, dentre outros<sup>1</sup>. As associações de caráter profissional, por sua vez, incorporavam outras preocupações em seus estatutos. Além do socorro mútuo, em várias delas, havia o desejo expresso de ajudar na defesa do ofício e na instrução dos sócios. Verifica-se uma verdadeira batalha pelo letramento e formação política dos associados, que se verificará ainda mais necessária na medida em que começaram a surgir as associações reunindo trabalhadores de diversos ofícios. Segundo Marcelo Badaró Mattos, a primeira experiência nesse sentido se deu em 1872 no âmbito de criação da *Sociedade Beneficente Liga Operária*. Segundo seus estatutos, esta seria formada “pela reunião de todos os operários e artistas nacionais e estrangeiros” (2008, p.98).

A experiência de criação de uma associação reunindo trabalhadores de diversos ofícios rendeu frutos, sendo a *União Operária do Engenho de Dentro* apenas um exemplo dessa nova conjuntura vivida pela classe trabalhadora do Rio de Janeiro. O bairro se destacou pela enorme concentração de operários, pois além das oficinas da Estrada de Ferro, ali também existiu uma fábrica de tecidos, a *Companhia Tecidos de Seda Brasileira*. Ao redor da localidade surgiram novos bairros, como Piedade e Encantado. Mas há uma especificidade importante de ser destacada: o profundo vínculo estabelecido por uma organização operária com um espaço marginal da urbe carioca.

Em seu artigo na *União Operária*, Pinto Machado lançou um manifesto por justiça. Essa sede por transformações incluía a defesa por melhores salários, a diminuição da carga horária de trabalho, o fortalecimento da união entre os

---

<sup>1</sup> Ao longo das últimas décadas, o interesse em investigar a formação da classe operária e trabalhadora na cidade do Rio de Janeiro, o maior centro fabril do país na época, permitiu um acúmulo de conhecimento que incentivou a organização de espaços de pesquisa e centros de memória, como bibliotecas e arquivos, e a produção de dicionários exclusivamente dedicados a inventariar nomes de militantes e lideranças, centros, associações e sindicatos, além de escolas e periódicos. Verificar em: BATALHA, Claudio Henrique de Moraes (org.). *Dicionário do Movimento operário: Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920, militantes e organizações*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

trabalhadores e, representativo do vínculo da organização com um bairro suburbano, a demanda por mais iluminação, maior conforto e cuidados mais efetivos com a saúde pública, haja vista o alcance da tuberculose no seio das famílias mais pobres.

Outro indício do envolvimento de trabalhadores e militantes do movimento operário em jornais editados nos subúrbios pode ser atestado pela criação, em 1901, também no bairro do Engenho de Dentro, do semanal *O Echo Suburbano. Propriedade e Redacção de Ernesto Nogueirol*. O jornal, aparentemente produzido apenas pelo dono, privilegiava encampar as lutas e demandas dos operários das oficinas da *E. F. Central do Brasil*, empresa de onde foi demitido depois de muitos anos de trabalho. A criação do jornal, inclusive, tornou-se um instrumento para as denúncias que o diretor-proprietário desferia contra os administradores das oficinas, descritos como inimigos dos interesses dos trabalhadores em vários artigos. Assim como Pinto Machado, Ernesto Nogueirol também trabalhou em um jornal de circulação diária da cidade. No *Jornal do Brasil*, ele foi o responsável pela seção destinada aos interesses do operariado.

Entretanto a experiência jornalística no bairro do Engenho de Dentro envolvendo militantes do movimento operário é mais antiga. Em 1885, José Roberto Vieira de Mello, escolhido como delegado da *União Operaria do Engenho de Dentro* no *1º Congresso Operário Brasileiro*, realizado em 1906, lançou *O Palinuro: orgam da palestra literária*.

A criação de periódicos como *O Palinuro*, *União Operaria* e *O Echo Suburbano*, evidenciam a presença de novos grupos produtores de conteúdos jornalísticos, que assumiam a tarefa de tornar públicas suas avaliações sobre a realidade social, bem como seus projetos de sociedade. Nesse sentido, a virada do século XIX para o XX foi marcada por uma apropriação do saber jornalístico por trabalhadores, mulheres, pequenos comerciantes, jovens acadêmicos, muitos dos quais habitantes dos subúrbios, que, individual ou coletivamente, buscaram, através da palavra impressa, afirmar-se socialmente<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup>A experiência como bolsista de Iniciação Científica no projeto de pesquisa *Outras memórias e histórias: cultura letrada e redes de comunicação social no Rio de Janeiro, 1880-1920* <sup>2</sup> sob orientação da professora Laura Antunes Maciel, não só me aproximou das reflexões e perspectivas da História Social como ampliou o contato com outras experiências populares com os códigos da cultura letrada, seja a partir da criação de escolas e bibliotecas, seja como público alvo de editoras ou como produtores e leitores de jornais e revistas. Além disso, foi possível perceber como essas experiências eram parte de um movimento mais amplo no qual diferentes grupos sociais propuseram educar e reformar o “povo” por meio da manutenção de escolas, bibliotecas, jornais e revistas voltados para as classes populares, assim como inúmeras iniciativas encaminhadas por categorias de trabalhadores, tanto as mais combativas quanto outras de menor visibilidade, na criação de periódicos. Verificar: MACIEL, Laura Antunes.

Ao mapear outras localidades surgidas nas margens da linha férrea da Central, nos bairros vizinhos ao Engenho de Dentro, notam-se outras experiências significativas com a imprensa. O trabalho de identificação dos proprietários e produtores dessas folhas, aliado à preocupação em registrar os interesses que moviam esses homens na prática jornalística, revelou projetos distintos. A imprensa, como um suporte de práticas sociais, é um meio utilizado para os mais diversos interesses. Ao transformá-la em fonte, deve-se ter o cuidado de não a tomar como espelho da sociedade.

A historiadora Marta Barbosa, em sua reflexão sobre história, imprensa e memória, ajuda a compreender os cuidados necessários aos historiadores que trabalham com esse suporte. Ela nos adverte sobre a necessidade de relacionarmos nossas concepções de história com as nossas concepções de imprensa. Para muitos, afirma, a imprensa é entendida como o espelho do mundo, “uma fonte secundária, um apoio”. Essa maneira de entender a imprensa e trabalhar com suas fontes resulta em uma séria limitação na busca pela compreensão da realidade na medida em que o processo de produção da notícia, os interesses e relações sociais que a compõem são negligenciados. A autora acredita que a reflexão deve ser baseada em uma discussão teórico-metodológica que problematize a imprensa a partir das suas relações sociais, suas escolhas políticas, seu projeto de sociedade e poder. (2006, p. 267)

Logo, ao encaminhar a reflexão e prática de pesquisa nos termos sugeridos pela historiadora, ao analisar os conteúdos que a imprensa periódica suburbana privilegiava não se busca elaborar uma lista contendo o conjunto de assuntos que foram privilegiados para depois organizá-los e encaixá-los no interior da reflexão. Se assim o fizer, corre-se o sério risco de homogeneizar os diferentes sentidos atribuídos pelos próprios jornalistas suburbanos à sua prática jornalística, assim como os diferentes projetos de sociedade e vínculos articulados por essa imprensa naqueles espaços.

Estar atento aos projetos de imprensa surgidos nos subúrbios requer levar em conta que essas experiências ocorreram nas margens da cidade, do poder institucional e simbólico; que eram, em sua maioria, efêmeras, pois não contavam com grande aporte de capital; que os jornalistas aprendiam o ofício com a prática, pois há relatos indicando que o mesmo jornalista que redigia trabalhava na oficina tipográfica. E mais, para manter o jornal ativo por mais tempo era necessário criar uma base de assinantes e

espalhar representantes pelas zonas suburbanas como forma de angariar novos anunciantes.

Mas se o cenário era marcado pela fragilidade, alguns empreendimentos sobressaíram em relação aos demais. Como veremos, os títulos mais destacados nesse periodismo foram aqueles que estabeleceram um forte vínculo com os subúrbios, pois desde o início explicitavam que o sentido da prática jornalística estava baseado na luta pelos interesses daqueles espaços.

O Méier se sobressaiu nessa conjuntura como o bairro onde foi criado o maior número de periódicos. Maurício de Almeida Abreu afirma, em seu trabalho sobre a evolução urbana do Rio de Janeiro, que a ocupação dos subúrbios foi facilitada pela criação das linhas férreas a partir de 1858, quando o imperador inaugurou a *Estrada de Ferro D. Pedro II* (hoje Central do Brasil). No início esta contava com poucas estações, mas, a partir da década de 1870, elas foram expandidas. Não tardou para que nas suas margens os antigos proprietários de chácaras promovessem o retalhamento de suas terras e a abertura de novas ruas, culminando no adensamento populacional e o surgimento de novos bairros. Levadas pela necessidade, a população ali residente pressionou e o governo criou um sistema suburbano de trens. O número de passageiros não parou de crescer (1987, p.37).

Nesse processo, o Méier se tornou conhecido como a “capital dos subúrbios” por conta do seu vigoroso comércio. Outros bairros foram surgindo em seu entorno, como Engenho Novo, Sampaio, Todos os Santos. Ao identificarmos os responsáveis pelas folhas ali criadas surgem homens pertencentes ao que Lima Barreto<sup>3</sup> chamou de a “aristocracia suburbana”: advogados, funcionários públicos, médicos, comerciantes, artistas e mesmo alguns nomes do movimento operário, como Pinto Machado.

O jornalista foi colaborador de um dos mais significativos periódicos do bairro, *O Suburbio*. De propriedade da J. Vigier & C, sua aparição na cena carioca ocorreu em 1903, sob a direção do Capitão Américo Albuquerque. Nessa primeira fase, que durou

---

<sup>3</sup> Uma das obras mais destacadas do autor foi *Clara dos Anjos*. A primeira versão foi publicada como conto em *História e Sonhos*, uma coletânea organizada pelo próprio autor em 1920. O folhetim completo só foi finalmente publicado entre 1923 e 1924 e em livro em 1948. Um dos principais personagens do livro eram os subúrbios da cidade do Rio de Janeiro. Em várias passagens o autor debocha recorrentemente das pretensões de tipos que viviam nesses bairros, em especial daqueles que possuíam ocupações mais estáveis e títulos de bacharéis. Conferir em: BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. 1ª Edição. São Paulo. Penguin Classics Companhia das Letras, 2012. Apesar da postura crítica aos bacharéis suburbanos, Lima Barreto se notabilizou pela crítica ao modelo de cidade excludente que se afirmava no início do século XX. Em 1922 ele chegou a colaborar com a *Revista Suburbana*, que se destacou pela linha editorial marcada pela cobrança dos “melhoramentos suburbanos”.

até 1904, contou, entre os sócios, com o suplente de polícia Xavier Pinheiro. Este seria o proprietário e diretor do jornal na segunda fase, entre 1907 e 1911. Dessa vez, o antigo diretor se tornou redator, ao lado de Henrique Magalhães, Dr. Ataliba Reis, Ricardo de Albuquerque e Dr. Joaquim Tanajura. O secretário era Cruz Sobrinho.

Autointitulado jornal “independente, noticioso, literário e consagrado aos interesses locais”, *O Suburbio* se colocou a serviço da luta pelos melhoramentos suburbanos. Para isso, o semanal publicava críticas severas à Prefeitura e ao Conselho Municipal, responsabilizados pelo estado de abandono daquelas localidades distantes do centro. Em editorial, publicado em 1907, um ano após a inauguração da imponente Avenida Central, Xavier Pinheiro destaca que toda a prosperidade que se verificava na cidade não resultava em melhorias para os subúrbios.

*(...) O centro da cidade já está civilizado. Pelo menos já não é o botocudo que era, há meia duzia de annos, apenas. É tempo de cuidar tambem um bocadinho dos pobres suburbios, que se não apodreceram já roidos de gafeira, nos braços deprimentes do abandono, em que têm vegetado até agora, é porque são lavados pelos bons ares com que os bafeja a Natureza, essa excelente irmã de caridade, que não consente que a lepra dos lichens e dos musgos os corrôa de todo, que o marasmo os consuma e que a decomposição os enterre na esterqueira, em que a Municipalidade, pelo descaso com que os considera, deseja certamente vel-os sepultados.*

*(...) Quem póde negar que o florescimento destas zonas, que aqui se acham como escravas aos pés da cidade, beijando-os; dessas zonas que bastante têm contribuído tambem para que a capital possa erguer, cheia de orgulho, a sua frontaria de palacios, uma vez que seu sangue para o pagamento de impostos com que ella sustenta o seu luxo de grande senhora (mas senhora ingrata e perversissima, que quer deixar morrer de fome e de vermina os seus vassalos)*

*(...) Como se os suburbios não pertencessem à capital – e como se não fossem della um prolongamento!...*

*Não há quem seja capaz de sustentar o contrário: - O progresso da cidade póde não trazer, COMO NÃO TROUXE AINDA e não trará nunca! O progresso dos suburbios, se elles se deixarem ficar apodrecendo, mudos e tosquiados, como carneiros moribundos, esperando que a capital lhes atire uma esmola pelo amor de Deus (...) (O Suburbio, Méier, 7 de setembro de 1907, p.1)*

Além das críticas dirigidas ao modelo excludente de cidade que se afirmava naquele momento, o jornal se tornou um meio garantidor da visibilidade de toda a agitação social da localidade. Assim como a maioria dos periódicos suburbanos, *O Suburbio* era publicado com quatro páginas, sendo a última ocupada por anúncios publicitários. Sua análise permite o reconhecimento da variedade das opções ofertadas pelo comércio e serviços instalados nessas localidades à população. São armazéns,

clínicas médicas, escritórios de advocacia, escolas. Um indicativo da solidez do jornal era a presença de grandes empresas do centro anunciando nas suas páginas.

Também havia espaço para a agitada vida cultural, sendo recorrente a publicação dos horários das sessões dos cinematógrafos, das peças teatrais, dos bailes dançantes, além da movimentação das associações criadas para oferecer espaços de lazer. Na seção *Palcos e Diversões* entidades como o *Club 24 de Maio*, o *Gremio Dramatico do Meyer*, o *Grêmio Jupyra* e o *Parque Boca do Mato* garantiam a publicidade das suas programações.

Iniciativas no campo reivindicatório era outro assunto valorizado pela direção, especialmente quando envolvia seus jornalistas. Ao lado do cigarreiro e militante operário Mariano Garcia, José. Roberto Vieira de Mello, Pedro Pinto de Miranda e Antonio Quintiliano, Xavier Pinheiro se envolveu na criação da *Liga de Acção suburbana*. O objetivo dos organizadores era acumular forças para pressionar de maneira mais efetiva a Prefeitura. Em especial, defendiam a necessidade de criação de subprefeituras que descentralizassem a administração. O dono de *O Suburbio* também publicaria notícias sobre seu envolvimento na *Liga da Educação Cívica*, criada para cultuar aqueles que ele considerava os heróis do país.

Outros periódicos com feição editorial parecida se destacaram no Méier e nos bairros vizinhos: *O Suburbano* (Sampaio), *Gazeta Suburbana* (Todos os Santos e Engenho de Dentro), *Revista Suburbana* (Méier e Engenho Novo), *Progresso Suburbano* (Piedade), *Commercio Suburbano* (Piedade), *Jornal Suburbano* (Madureira), *Tribuna Suburbana* (Madureira) e *Echo Suburbano* (Madureira).

Em Sampaio, próximo à estação de trem, foi criado *O Suburbano*. A folha era propriedade dos irmãos Eduardo e Benjamin Magalhães. Ambos atuaram como jornalistas, sendo o primeiro tipógrafo e o segundo advogado. As poucas informações sobre o periódico foram mapeadas a partir da leitura de outros jornais, pois não há registro da preservação da folha em nenhuma instituição de guarda documental. Situação, aliás, parecida com a de dezenas de outros títulos que desapareceram ou se encontram indisponíveis para consulta por seu avançado estado de deterioração. O certo é que através da pesquisa na documentação do 1º Ofício de Títulos e Documentos preservado no acervo do Arquivo Nacional há referência ao jornal nos livros de

matrículas de oficinas, impressos e jornais. Em 1924 há registro para o título em nome de Benjamin Magalhães, e em 1935 o título era propriedade de Eduardo Pedroso<sup>4</sup>.

Além de proprietários de *O Suburbano* por mais de dez anos, ambos assinaram, entre 1912 e 1914, a coluna *Nos Suburbios* do diário *A Epoca*. Eduardo Magalhães ainda se tornou sócio, ao lado de Coriolano Rossi, do *Almanack Suburbano*, publicado em 1911 e 1912. Assim como seus congêneres produzidos no centro, como o *Laemmert*, *Correio da Manhã* e *Gazeta de Notícias*, o almanaque produzido em Sampaio saía uma vez no ano recheado de informações. Além de conter homenagens a diversos jornalistas, políticos, comerciantes e artistas com atuação naquelas localidades, o periódico publicava os nomes dos logradouros públicos, as linhas de bondes e horários dos ramais de trens, os nomes e endereços das escolas em funcionamento em cada distrito, além de um indicador com endereços das repartições públicas.

Se, como vimos, *O Suburbano* foi publicado entre 1910 e 1924 sob propriedade dos irmãos Magalhães e em 1935 com outro proprietário, o mesmo aconteceu com outros títulos. Sob diferentes direções, a *Revista Suburbana* circulou nos subúrbios desde 1906. Na primeira aparição era propriedade de uma companhia que se arrogava ser a única “Empreza Typographica Suburbana”, propriedade de Clemente & Comp. Redigida por Ferreira Junior e gerenciada por Carlos Augusto Russel, no primeiro número a direção informava o desejo de publicá-la duas vezes na semana. Como o acervo contém apenas a edição mencionada, fica difícil afirmar se logrou êxito. Em 1918, uma revista com o mesmo nome passou a ser redigida no bairro do Engenho Novo, vizinho ao Méier. Dirigida por José Roberto Vieira de Melo, companheiro de lutas de Pinto Machado, a revista se destacou por abrir espaço para as demandas dos trabalhadores, bem como para a luta pelos melhoramentos dos subúrbios. Como vimos, Pinto Machado ficou responsável pela seção operária, enquanto Salvio Dias assinava a coluna *Pelos Suburbios*. A revista apareceria novamente em 1922 e 1933 sob outras direções e equipes de redação.

Outros títulos, no entanto, surgiram a partir de interesses distintos. Este conjunto de jornais pode ser caracterizado pela tentativa, por parte de setores de uma classe média há muito estabelecida naqueles bairros, de reproduzir um modelo de jornal que

---

<sup>4</sup> O decreto nº 4.743, de 31 de Outubro de 1923 definia que as oficinas impressoras, jornais e outros periódicos eram obrigados a matricularem suas empresas em um livro de registros mantido por cartório no Registro de Títulos e Documentos do Distrito Federal, do território do Acre e dos Estados. No livro deviam constar as seguintes informações: nome, residência, nacionalidade, folha corrida do dono da oficina, além do endereço da sede administrativa.

era feito pela burguesia para a burguesia<sup>5</sup>. Abordando os mais variados assuntos, desde notícias sobre atividades econômicas do bairro e da cidade (comércio, indústria, negócios em geral), notas sobre reuniões organizadas por lideranças locais até a publicação de textos literários, como poesias e folhetins, os criadores desses jornais trabalhavam para a construção de uma imagem pública que os ligassem ao bom gosto, ao refinamento, e ao culto das “belas artes”.

Havia uma preocupação em demonstrar a capacidade intelectual de membros das camadas intermediárias dos subúrbios, cujos hábitos não seriam distintos daqueles vivenciados por frações da classe dominante que representariam o projeto de “civilização” existente na capital<sup>6</sup>. Jornais como *O Espinho* (São Cristóvão, década de 1880), *O Alfinete* (paróquia do Espírito Santo, década de 1880), *Lux. Orgam Litterario, Humorístico e Noticioso* (Méier, 1910), *O Condor* (Madureira, 1900), e *O Scenario* (Méier, 1900) são bons exemplos desse modelo. Jovens acadêmicos da Faculdade de Direito, membros de centros republicanos fundados nos bairros e de grêmios literários constituíam uma fração dos habitantes dos subúrbios envolvidos na produção desses títulos.

### **Considerações Finais**

O sentido, portanto, como entendemos esses periódicos surgidos nos subúrbios parte da compreensão de que não foram experiências hegemônicas, na medida em que eram histórias vivenciadas em espaços profundamente marcados por um preconceito que emergia da incapacidade de setores da elite da época em associar os subúrbios e seus habitantes ao domínio dos códigos de uma cultura letrada. O cronista do *Jornal do Brasil*, Benjamim Costallat, em uma de suas crônicas retratou os subúrbios sob um sono “pesado” e “triste”, resultado do extenuante trabalho desempenhado pela sua população nas inúmeras atividades existentes no Rio (leia-se o Centro da cidade e seus bairros mais aristocráticos). O ir e vir do trabalho, o desconforto enfrentado nos trens

---

<sup>5</sup> Analisando o surgimento de um mercado urbano de terras e a formação dos subúrbios na cidade do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX, o urbanista Robert Moses Peckman, considerou que o deslocamento para fora do centro histórico na direção Sul da cidade foi comandada por famílias mais abastadas. Na direção dos subúrbios, por sua vez, foram membros de uma classe média que começava a surgir na capital. Verificar em: PECHMAN, Robert Moses. *A gênese do mercado urbano de terras, a produção de moradias e a formação dos subúrbios no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro, UFRJ/PUR, 1985, p.15.

<sup>6</sup> Expressão utilizada por alguns jornais suburbanos para se referir às áreas da cidade com melhor infraestrutura urbana.

suburbanos, os desafios vivenciados nas ruas sem calçamento, sem luz, sem segurança seriam, segundo Costallat, uma constante nos subúrbios, o que o leva a concluir: “É a vida suburbana, triste e monótona. Igual, sempre igual, eternamente igual!...”(COSTALLAT, 1995, pp.74/75). Ao descrever a população suburbana a partir de sua necessidade de se deslocar diariamente para o trabalho no centro, o cronista permite identificar uma construção social de longa duração, baseada na percepção de

que os bairros suburbanos não fazem parte da cidade. Ou seja, na ideia da exclusão dos bairros surgidos ao longo dos trilhos das ferrovias, e seus moradores, dos limites, hábitos, costumes e sentimentos, que constituiriam a cidade do Rio de Janeiro.

Passados mais de um século, essa leitura da realidade continua sendo reproduzida sem questionamentos por muitos que possuem o poder de compartilhar suas avaliações e conhecimentos sobre a cidade e sua formação histórica perante um público massivo. A inexistência de uma mídia plural e democrática em nossa sociedade, resultado da força dos interesses das grandes corporações em manter seus monopólios e oligopólios, favorece a perpetuação de uma leitura da realidade autoritária e preconceituosa. A face perversa dessa situação é a falta de liberdade de expressão para as classes populares, habitantes por excelência das periferias e favelas<sup>7</sup>.

Mas para que todas essas questões sejam desvendadas, não podemos negar a realidade: os “suburbanos”, (habitantes da periferia do passado) produziram textos impressos, e isso os levou, de maneira inédita, a um novo posicionamento na cidade, onde suas histórias, lutas e experiências de vida, nos espaços em que viviam e se identificavam, contavam com um meio, a imprensa, que era utilizada no sentido de dar visibilidade aos seus projetos e valores.

### Referências Bibliográficas

ABREU, Maurício de Almeida. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO, Zahar, 1987.

\_\_\_\_\_. “A periferia de ontem: o processo de construção do espaço suburbano do Rio de Janeiro (1870-1930). *Revista Espaço e Debates*. São Paulo. NERU, Ano VII, vol. 1, nº 21, 1987, p.33.

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. 1ª Edição. São Paulo. PenguinClassics Companhia das Letras, 2012.

<sup>7</sup>Caio Túlio Costa afirma que o início do século XXI foi profundamente marcado pela oligopolização da indústria de comunicação. Apenas seis conglomerados, Time Warner, Walt Disney, Vivendi-Universal, Viacom, Bertelsmann e News Corporation, passaram a controlar mais de um terço da receita total de US\$ 415 bilhões das cinquenta maiores companhias de mídia em todo o mundo. No Brasil, o processo não é diferente, na medida em que sete grandes companhias controlam a grande maioria dos órgãos de comunicação do país: Grupo Abril (aliado com o capital estrangeiro); Grupo Globo (também associado ao capital estrangeiro no caso do controle da Sky); Grupo Folha; Grupo Bandeirantes; Grupo Silvio Santos (SBT); e mais recentemente, e com crescente poder e influência, o grupo Record, ligado à Igreja Universal do Reino de Deus, de propriedade do bispo Edir Macedo.

Conferir em: COSTA, Caio Túlio. *Modernidade Líquida, Comunicação Concentrada* [online].

Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/13446/15264>. Acesso em 26 de maio de 2015.

BATALHA, Claudio Henrique de Moraes (org.). *Dicionário do Movimento operário: Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920, militantes e organizações*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

COSTA, Caio Túlio. *Modernidade Líquida, Comunicação Concentrada* [online]. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/13446/15264>. Acesso em 26 de maio de 2015.

COSTALLAT, Benjamim. *Mistérios do Rio*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo, Educ/Fapesp/Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2000.

\_\_\_\_\_ e PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto história*. São Paulo. EDUC, nº 35, julho-dezembro 2007.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Volume 2: Os intelectuais. O princípio educativo. (Jornalismo). Edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. - 4ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

MACIEL, Laura Antunes. Imprensa de trabalhadores, feita por trabalhadores, para trabalhadores? *História & Perspectivas*, Uberlândia, v. 1, 2008.

MATTOS, Marcelo Badaró. *Escravidados e Livres: experiências comuns na formação da classe trabalhadora carioca*. Rio de Janeiro: Bom texto, 2008.

MENDONÇA, Leandro Climaco. *Nas margens: experiências de suburbanos com periodismo no Rio de Janeiro*. Niterói: Editora da UFF, 2014.

PECHMAN, Robert Moses. *A gênese do mercado urbano de terras, a produção de moradias e a formação dos subúrbios no Rio de Janeiro*. Tese, UFRJ/PUR, 1985, RJ.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4 ed. Atualizada. Rio de Janeiro, Mauad, 1999.